



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com empresários da Câmara de Comércio dominicano-brasileira República Dominicana, 16 de agosto de 2004

Eu quero cumprimentar o nosso mais novo ministro de um país do Caribe, o senhor Amílcar Romero, ministro da Agricultura da República Dominicana,

Quero cumprimentar o senhor Leonel Duarte, presidente da Câmara de Comércio dominicano-brasileira,

Quero cumprimentar o empresário brasileiro, embaixador brasileiro, Ronaldo Dunlop,

Quero cumprimentar os empresários brasileiros e os empresários da República Dominicana,

Bem, primeiro, quero dizer ao nosso presidente Leonel, que tem o mesmo nome do presidente da República, que eu espero que, com a posse do presidente Leonel Fernández possamos, logo no começo do próximo ano, fazer uma reunião de trabalho. Hoje à noite, no jantar, eu vou convidá-lo para fazer uma visita ao Brasil, para que possamos, numa reunião de trabalho, juntar os empresários brasileiros e os empresários da República Dominicana; os ministros da República Dominicana e do Brasil, para que, em cada área, possamos aprofundar o que pode ser feito para melhorar a nossa relação, para intercambiar convênios e para discutirmos não apenas a relação comercial, mas os investimentos e parcerias que podem ser feitas entre as empresas brasileiras e as empresas da República Dominicana.

Desde janeiro do ano passado, quando tomei posse como presidente da República, nós criamos esse tipo de reunião chamada Reunião de Trabalho, e que tem sido muito produtiva, porque não fica na responsabilidade apenas do



presidente da República ou do ministro das Relações Exteriores, mas cada ministro assume o compromisso com os ministros parceiros e as coisas andam mais rapidamente.

Na questão da agricultura, por exemplo, certamente o Brasil tem muito para contribuir com a República Dominicana, sobretudo quando falarmos em tecnologia, porque o Brasil, nessa área, está muito adiantado. E o nosso ministro da Agricultura, o Roberto Rodrigues, é um companheiro de uma larga experiência porque foi, durante muitos anos, presidente das organizações de cooperativas do mundo inteiro.

Mas não é apenas na questão da agricultura, porque nós já temos experiências com empresas brasileiras e da República Dominicana, e poderemos ter muito mais. O que precisa é que consigamos dar os passos que estamos querendo dar.

Primeiro, mantendo uma política com a América do Sul, fazendo com que, até o final do ano, tenhamos toda a América do Sul filiada ao Mercosul. O próximo passo é estender isso para os outros países da América Latina. E, dentro dessa extensão, a todos os países do Caribe, para que possamos fazer os nossos acordos de livre comércio e possamos estreitar ao máximo a nossa relação comercial.

Queria dizer ao presidente Leonel que, dentro do meu governo, predomina uma cultura de que a boa política comercial é aquela em que os dois países ganham. Todo empresário tem essa experiência. Eu cito sempre o exemplo do cidadão que sai no domingo de manhã para vender um carro usado. Quando ele chega em casa feliz, diz para a esposa: “olha, fiz um bom negócio”; e o comprador chega na sua casa e também diz para a sua esposa: “fiz um bom negócio.” Ou seja, os dois acham que ganharam. Esse é o melhor dos mundos. Nós, na nossa relação comercial, achamos que o comércio é uma rodovia de duas mãos.

O Brasil não tem nenhum interesse, na sua relação comercial, de ter um



superávit muito grande com relação aos seus parceiros. O que nós queremos é que haja um equilíbrio, porque isso fortalece as duas economias e não apenas uma. E para que o Brasil possa comprar mais produtos da República Dominicana é preciso que haja mais conversa entre os empresários da República Dominicana e os empresários brasileiros, para que haja mais acordo entre o governo brasileiro e o governo da República Dominicana.

E é isso que o presidente Leonel e eu podemos fazer, nesses próximos encontros. Porque, se depender de mim nós teremos, num curto espaço de tempo, todos os países do Caribe fazendo parte do Mercosul, portanto, fazendo parte da América Latina, com um tratado de livre comércio que possa criar situações favoráveis a todos os países, sobretudo, àqueles países menores, onde o Brasil, por ser a maior economia, tem que ter uma política de maior generosidade, e tem que ter o cuidado de fazer os investimentos certos, na hora certa. E os nossos empresários têm que ter a sensibilidade de, ao construir uma obra num país, fazer parceria com as empresas locais para que a gente possa ajudá-las também a crescer e a desenvolver. É esse o tipo de relacionamento que nós queremos criar. Por isso, o Brasil acredita tanto e trabalha com tanto afinho para que haja uma integração forte entre nós.

Apenas para dizer ao presidente Leonel, o nosso presidente da Câmara de Comércio Brasil-República Dominicana, que eu dediquei praticamente o primeiro ano de governo para consolidar uma nova base de relação política e cultural para o Brasil. Ou seja, eu visitei, no primeiro ano, 29 países. Com alguns deles eu fiz mais de duas reuniões. E os que eu não visitei, eu recebi no Brasil. Porque política é, sobretudo, relação humana, é contato, coisa que o e-mail não resolve, coisa que o fax não resolve, nem o telefone. O contato direto, o apertar de mão, o olho no olho muitas vezes ajuda muito mais do que muitas coisas que a tecnologia nos concedeu nestes últimos anos.

Por isso eu viajei, primeiro para a América do Sul, depois para a Índia, depois para a África, depois para a China, e depois para o mundo árabe,



tentando criar novas parcerias e tentando criar uma nova geografia comercial no mundo. A verdade é que todos nós estávamos habituados, até com tranqüilidade, a ver os Estados Unidos e a União Européia como únicos grandes parceiros nas nossas relações comerciais. Isso é verdade. E, na verdade, os Estados Unidos e a União Européia são os mais importantes parceiros individuais do Brasil. Entretanto, a relação comercial tem um limite. Chega um momento em que para você ganhar mil dólares a mais, você tem que trabalhar mil vezes mais, porque já atingiu um patamar muito elevado.

Então, o que nós fizemos? Nós temos que procurar novos parceiros. Temos que procurar, sobretudo, parceiros que tenham similaridades com o Brasil. O que o Brasil pode fazer por um país, o que esse país pode fazer pelo Brasil? Por exemplo, na China, eles nos emprestam tecnologia de lançamento de satélites, e nós emprestamos a eles a tecnologia para produzir aviões. É uma complementaridade. Com a Índia é a mesma coisa, com a África do Sul é a mesma coisa.

E isso nós queremos fazer, agora, com os países do Caribe, tentando mostrar para eles que uma boa relação da América Latina, uma boa relação com a América do Sul não implica criar nenhum tipo de problema para a sua relação com os dois blocos hegemônicos do mundo, Estados Unidos e União Européia. Pelo contrário, terão novos parceiros, novas opções e, quanto menos pertencer aos dois blocos mais ricos, mais chances nós teremos de ganhar alguma coisa.

Eu vou dar três exemplos. Há algum tempo, era impossível imaginar que nós fôssemos ganhar, na Organização Mundial do Comércio, a luta contra o subsídio do algodão americano. E ganhamos. Há alguns meses era humanamente impossível imaginar que o Brasil ganhasse contra a União Européia, na Organização Mundial do Comércio, o fim, a diminuição dos subsídios ao açúcar. E ganhamos. Há seis meses, era humanamente impossível imaginar que o G-20, criado em Cancun, pudesse agora, em



Genebra, ter a concordância da União Européia, do representante comercial dos Estados Unidos, Zoellick, que já aceitaram a discussão para a redução dos subsídios dos produtos agrícolas que vai beneficiar, sobretudo, os países menores e em desenvolvimento.

Se concluirmos esse acordo como estamos pensando, isso significa um aumento no comércio exterior para os países em desenvolvimento, da ordem de 200 bilhões de dólares. Isso vai levar algum tempo ainda, mas de qualquer forma, eles já não estão mais inflexíveis como eram há algum tempo.

Eu me lembro o quanto nós fomos criticados, no Brasil, porque resolvemos criar o G-20 em Cancun, porque as pessoas normalmente têm medo de brigar; muitas vezes as pessoas, ao se relacionarem com um país mais forte, ficam sempre com medo de ceder alguma coisa. E nós achamos que nós estamos apenas afirmando que queremos defender os nossos interesses, os interesses da nossa indústria, da nossa agricultura, do nosso comércio e dos nossos trabalhadores. Ou seja, fazemos o mesmo que eles fazem dentro dos seus países. E o resultado é que quanto mais força você fizer, mais você será respeitado pelos seus interlocutores. Até porque na relação entre dois seres humanos, nenhum interlocutor respeita o interlocutor que não se respeita.

Então, o que nós queremos mostrar nessa nova geografia comercial que queremos criar é que existem outras opções, existem outros parceiros e existem outros negócios. Nós não precisamos ficar dependendo apenas de um ou de outro. Por isso é que nós queremos uma relação plural e queremos que o Brasil tenha muito mais relações com muito mais países. Durante muitos anos nós olhamos muito para a Europa e para os Estados Unidos e não olhamos para o nosso próprio continente. Só para o presidente ter uma noção, eu fui, na última sexta-feira, na divisa Brasil-Bolívia inaugurar a primeira ponte, em 500 anos de relação. E fui inaugurar o começo da primeira ponte com o Peru também em 500 anos de história. Ou seja, se não houver integração



física, muito menos haverá integração comercial, empresarial, cultural, política.

Então, nós estamos tentando concretizar coisas que até então eram tratadas de forma muito teóricas. Ou seja, não tem um presidente da república de nenhum país latino-americano que não diga, durante a campanha, alguma palavra sobre integração.

Acontece que o mandato é de apenas quatro. Quando ele menos espera terminou o mandato e não houve uma integração. Nós resolvemos transformar essa integração numa grande possibilidade de negócios para todos os países. Para todos, sem distinção. Sem que o Brasil carregue a idéia da hegemonia, nós queremos carregar a idéia da parceria. Onde o Brasil puder ajudar, tem que ajudar. E onde o Brasil puder ter políticas de complementaridade, vamos ter políticas de complementaridade.

Para isso nós temos um grande banco de desenvolvimento que vocês conhecem, aqui, na República Dominicana, e no ano que vem terá muitos recursos para financiamentos. Serão quase 60 bilhões de reais. E uma parte desses recursos é para financiar parcerias das nossas empresas em países vizinhos, em países do nosso continente, que queremos ajudar a se desenvolver.

Então, esteja certo de que há sempre uma primeira vez. A relação do Brasil com a República Dominicana não é nova, pois nós temos várias empresas trabalhando aqui na República Dominicana e poderemos aperfeiçoar isso para outro setor, quem sabe convencer empresários nossos a fazerem mais parcerias com empresários da República Dominicana. Afinal de contas, aqui poderemos atingir novos mercados e a República Dominicana poderá ter um bom retorno.

E eu espero que possamos, nos próximos meses receber, no Brasil, o presidente Leonel Fernández, empresários e ministros, e que possamos estabelecer novas tratativas para bons negócios para os dois países.

Eu queria terminar dizendo aos empresários dominicanos, quando eles



já sabem – não quero ser repetitivo – que nós estamos vivendo um momento importante da economia brasileira. Quando nós tomamos posse, nós tivemos uma discussão, no núcleo de governo, para saber se era possível, ao mesmo tempo em que devíamos ter uma política fiscal dura, para que o governo não gastasse mais do que arrecada, termos uma política de investimento na área social.

Passados 18 meses, é com muita satisfação que acho que nós conseguimos algo excepcional. Nós conseguimos provar que é possível ter política fiscal dura e política social arrojada. Nós pudemos provar que é possível fazer a economia crescer sem que haja nenhuma mágica, apenas utilizando a seriedade e os compromissos assumidos durante a campanha. A economia brasileira está crescendo bem este ano. Ela vai crescer melhor no ano que vem. E nós queremos um desenvolvimento sustentável que seja um novo ciclo de crescimento para durar 10, 15, 20 anos e não apenas uma daquelas coisas que crescem um ano e depois desaparecem.

E nós tratamos com muita seriedade, porque quando a economia começa a crescer não há quem não queira gastar um pouco mais. E segurar o gasto é sempre uma tarefa muito difícil. Nós estamos vivendo esse momento oportuno. As nossas exportações alcançaram, em 12 meses, 88 bilhões de dólares, vamos chegar a 90 bilhões de dólares, vamos ter um superávit em conta corrente de 6 bilhões de dólares. E as nossas exportações continuam crescendo.

Nós temos um problema interno para resolver, que são os gargalos de infra-estrutura, que durante muitos anos ficou abandonado no Brasil. Nós precisamos recuperar os nossos portos, recuperar muitas ferrovias, e recuperar nossas rodovias. Porque o Brasil precisa aproveitar esse momento histórico, e se tornar definitivamente um país desenvolvido, para parar de ser tratado eternamente como um país em vias de desenvolvimento. Já temos maioria para isso, já temos conhecimento para isso, já temos respeitabilidade



internacional para isso, já temos mercado para isso. Portanto, não depende de ninguém, depende apenas da seriedade com que o Brasil trata o seu próprio futuro.

Nós vamos tratar para que o Brasil não desperdice essa oportunidade. Ao longo da história, não foram poucos os momentos em que o Brasil dava indícios de que chegaria a ser um país desenvolvido. Porque eu acho que o espaço de crescimento da nossa economia é muito grande e o governo não jogará fora essa oportunidade, e muito menos os empresários jogarão fora essa oportunidade.

Portanto, quero dizer aos empresários da República Dominicana e aos amigos empresários brasileiros, que já conhecem a República Dominicana, que vocês já vêm fazendo coisas boas aqui e se preparem para fazer mais e melhor. E aos empresários da República Dominicana que, na medida em que melhorarmos o nosso relacionamento, estabelecermos novas parcerias, regras da política comercial poderão ser mudadas, porque, como eu disse no começo, nós não queremos apenas vender, nós queremos também comprar. E aquilo que for possível comprar, no comércio com o Brasil, estejam certos que não faltará trabalho e incentivo para que isso ocorra.

Muito obrigado e boa sorte a todos.